

1. DESENVOLVIMENTO LOCAL E PERSPECTIVAS DE UMA NOVA PRODUTIVIDADE RICARDO SAPIA CAMPOS¹

RESUMO: O texto foi elaborado a partir da síntese de estudos realizados em três grandes centros: Veneza, Munique e Barcelona. Destacamos a questão do desenvolvimento local como fator de congruência acerca do que chamamos de produção de uma nova realidade. O produtivo constituinte desta nova realidade tem o local como ponto nodal de explosão. O trabalho, e particularmente este de cunho cognitivo, comunicacional e cooperativo aparece como eixo central do que chamamos de “nova economia”. Os desdobramentos acerca do tema: “desenvolvimento local” privilegiam a perspectiva dos distritos industriais italianos, e mais particularmente aqueles que estudamos na região do Vêneto.

1.1. *Introdução*

Este trabalho busca elaborar uma síntese de estudos realizados em três países e cidades distintas, sobre o tema comum do “desenvolvimento local”. Sendo assim, procura-se privilegiar o entendimento sobre desenvolvimento local propriamente dito, ainda que percorrendo caminhos que privilegiam algumas ocorrências pontuais contemporâneas, como o caso dos Distritos Industriais Italianos por exemplo.

A ênfase dada aos “Distritos produtivos da Terceira Itália”², ou do Vêneto, para ser mais preciso, no mais das vezes, quer a título de exemplos, ou mesmo para

¹ - Sociólogo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UNESP – Universidade Estadual Paulista, campus de Araraquara. Endereço: Rodovia Araraquara Jaú, Km. 01 – Quitandinha, Araraquara – SP, Cep: 14800000. Desenvolve projeto financiado pela FAPESP, sobre qualificação profissional, e foi pesquisador visitante nas Universidades : VIU – Venice International University e Università Ca` Foscari Venezia, a LMU Ludwig Maximilians Universität de Munique e por fim, a UAB Universitat Autònoma de Barcelona. Área de concentração e trabalho: sociologia do trabalho e rural, estuda temas ligados às novas formas de produção, sindicatos, qualificação profissional, movimentos sociais e desenvolvimento local. E-mail: sapiacampos@yahoo.com.br,

desenvolver a temática do desenvolvimento local, é fruto de estudo sobre esta mesma realidade.

Desde já cabe acentuar que concebemos o “desenvolvimento local” como realidade dada e verificável, por mais que este trabalho não se remeta ao que se entende por “estudo de caso”. Focamos a questão do trabalho, ou de uma nova qualidade do trabalho á partir do processo de reestruturação produtiva que pode ser verificada de distintas maneiras e com particularidades e nuances em diversas partes do globo. Evidentemente este processo engendra a perspectiva de novas institucionalidades que se formam á partir da crise do Welfare State. Assim, tomamos o Desenvolvimento local como realidade dada, e ainda, como complexidade difusa, “sem donos”, sem consensos e sem a idéia de estruturas fechadas, lembrando que muitos são os olhares sobre uma mesma realidade.

1.2. *O Desenvolvimento Local no Contexto da Globalização*

Ao falarmos em “desenvolvimento local” estamos nos referindo à emergência de formas produtivas, que têm o local como complexidade difusa e, portanto, como ambiente privilegiado e formador desta nova realidade.

É neste sentido que falamos em nova economia ou new economy³ se se preferir. O nosso entendimento aqui é que esta nova realidade produtiva se organiza, particularmente, sobre a forma de localização.

² - O termo é utilizado inicialmente por Bagnasco nos anos setenta, distinguindo as regiões em que emergiam os distritos industriais. Diferente então do norte da Itália desenvolvido e industrializado, tido como Primeira Itália, e do sul atrasado, conhecido como Segunda Itália. Sendo assim, a Terceira Itália surge a revelia do modelo agrário do sul, mas também daquele da grande indústria do norte, em que o eixo privilegiado aparece no conhecido triângulo: Torino, Milano e Genova.

³ Dois principalmente são os autores e livros nos quais nos baseamos para tratar da *new economy*. São eles. MARAZZI. C. *A Crise do New Economy e o Trabalho das Multidões*, DP&A, Rio de Janeiro, 2002. GORZ, A. *L Imateriale: conoscenza, valore e capitale*, Torino,

Sendo assim, preferimos trabalhar o conceito de desenvolvimento local, priorizando o entendimento, segundo o qual, a comunhão de fatores interativos, cristalizados num determinado território, e sua capacidade de inserção no circuito global, é que acabam dando a tônica do desenvolvimento. Neste caso, a localização geográfica apenas corrobora, não sendo central, e menos ainda determinante.

As nossas premissas se sustentam originariamente na idéia, segundo a qual, o ambiente produtivo deixou de ser a fábrica (local da produção em sentido amplo), transferindo o potencial produtivo para o âmbito dos territórios. Neste sentido, a conexão se daria na forma local/global, e não mais da fábrica para os mercados globais (Cocco, 1999). O local da produção deixou de ser a fábrica e passou a ser a sociedade. O que os distritos fazem é cristalizar este potencial produtivo no âmbito do território. Potencial que inicialmente aparece de forma dispersa.

O que pode ocorrer de novo é que as barreiras unicamente espacializadas podem ser removidas, simplesmente por se constituírem num entrave à produção. Em seu lugar, certamente, serão inventadas novas fronteiras, estas com elementos virtuais mais marcantes. É preciso estar atento para o fato de que um “sistema de produção local” não significa necessariamente um distrito, tal qual concebemos os distritos produtivos do Vêneto por exemplo, apesar de todo distrito se constituir num sistema local de produção. Existe uma grande miríade de modelos distintos sob a forma de desenvolvimento local, dentre as quais podemos citar os Distritos Industriais Italianos, ou mesmo Modo de Produção Vêneto como preferem alguns, Clusters, Arranjos Produtivos Locais, Millieu Inovateur etc. E já que estamos tratando desta questão, cabe apontar a necessária distinção entre sistemas produtivos locais e as políticas públicas para este eixo de desenvolvimento. Resulta então que as diversas formas produtivas constituídas sobre a base do desenvolvimento local existem à revelia de projetos e políticas públicas. Em outras palavras, significa dizer, que por mais que se releve a importância, que de fato têm, as ações conjuntas dos poderes e instituições constituídas, as distintas formas de organização produtiva local existem para além destas. Não são e não foram projetos de Estado que fundaram os modelos de organização produtiva. O mais apropriado seria inverter esta relação, admitindo por fim que é o Estado, constituído em suas diversas esferas de poder, que buscam captar o potencial produtivo local, para com sua base material formular e propor ações e políticas reguladoras, ou regulatórias.

Também é importante que se diga que sob este prisma do local, o tão explorado tema da globalização, ganha novos contornos. Quanto maior o grau de dependência e

Bollati Boringhieri, 2003. Mesmo assim, há que se dizer que tratamos aqui do conceito de *new economy* como sendo meramente nova economia. Ou seja, *new economy* aparece no texto, e portanto deve ser lido, simplesmente, como nova economia, e não na forma de um conceito retirado nem dos autores citados e nem mesmo de qualquer outros. Portanto o termo é usado de forma mais solta, panorâmica e abrangente, e portanto, menos conceitual.

complexidade interna, maior e a força do desenvolvimento local. Está é ao nosso ver das principais forças do desenvolvimento local. A dependência diz respeito a necessidade interativa entre cooperação e competição, dosadas por necessidades do mercado. Quando esta relação, já consolidada, entra no fluxo da globalização, o faz como uma espécie de células, pequenos núcleos cristalizados. A força desta relação de dependência e complexidade interna acaba fazendo com que exista uma espécie de filtro que opera no circuito global, e que permite apenas a permeabilidade de aspectos que vêm fortalecer ainda mais esta relação. Desta forma o que entra no circuito global não é uma massa disforme a ser definida neste mesmo circuito global. A economia-mundo ganha de fato forma própria, mas apenas a partir da força e complexidade do local. Assim, contraria de pronto as teses que vêem a globalização como uma massa homogênea e disforme, que se define sem a existência de um núcleo embrionário. Afrontam também as teses estruturalistas⁴ e deterministas que sempre primaram pela idéia de projeto que antecede a qualquer realização humana⁵.

Como se pode perceber, sendo os fatores definidos localmente, com maior grau de dependência e complexidade, acaba sendo formada uma rede (e aqui pensamos mais no global) que procura aproveitar e incorporar as diversidades e os aspectos positivos do local.

Ao se referir aos distritos italianos, Coró (1999) aponta que eles se constituem numa forma privilegiada para o impasse da produção em massa. Os distritos são uma forma adequada, apesar de não ser a única, de uma organização econômica pós-fordista.

1.3. Para um Conceito de Trabalho Constituinte e Produtivo

O dever desta nova sociedade que se descortina tem como base a produtividade constituinte de um novo tipo de trabalho. Novo, que se opõe e se diferencia do trabalho de organização fordista.

Evidentemente esta nova qualidade do trabalho implica no reconhecimento de uma nova organização da produção e consumo, que rompe, ou então se distingue, do vetor fordista de produção.

⁴ - Harvey (2002) aponta dentre outros, o mito das soluções que pretendem anteceder o próprio problema. Ver: DAVID H. *Mundos Urbanos Possíveis*, Novos Estudos SEBRAP, (?) 2002.

⁵ -A este respeito: BATAILLE, G. *L'Expérience intérieure*, Gallimard, Paris, 1943.

Como afirma Gorz (2003)

Era importante mostrare che questo lavoro immateriale non si basa principalmente sulle conoscenze dei suoi prestatari. Si basa innanzi tutto su capacità espressive e cooperative che non se possono insegnare, su una vivacità nella messa in opera dei sapere che fa parte della cultura quotidiana. E questa una delle grandi differenze tra i lavoratori delle manifatture o delle industrie taylorizzate e quelli del postfordismo. I primi diventano operativi solo dopo essere stati spogliati dei sapere, delle capacità e delle abitudini sviluppati nella cultura quotidiana e sottoposti a una divisione parcellare dell lavoro(p. 14)

Desta rápida citação de Gorz (2003) se percebe a marcante diferença entre uma típica organização do trabalho de base fordista, desta que aqui apontamos como pós-fordista. Sem entrar na discussão sobre a crise do fordismo e a substituição de um tipo de trabalho por outro, apontamos que a relação dos trabalhadores com a prática do trabalho, é completamente alterada.

O pós-fordismo tem uma característica profundamente inovadora, ou distintiva com relação à qualidade do trabalho. Ou ainda, inverte-se esta relação. A premissa é que, ao difundir o trabalho pelo ambiente dos territórios, passam a ser produtores todos os que de uma forma ou de outra vivem em sociedade. (Negri, 2001). É prudente que se diga também que o liame que separava produção, circulação e consumo é cada vez mais tênue. Crise da sociedade do trabalho é crise da medida do trabalho. O trabalho, trabalho produtivo, vivo tanto em processo quanto em ato, não é mais atributo de operários

assalariados, difundiu-se pelo território sem que haja possibilidade de falar em trabalho e não trabalho.(Marazzi, 2002)

Por isso, entendemos que esta nova qualidade do trabalho, que identificamos no interior dos DI s foi uma construção coletiva, que rompeu com o muro das fábricas e com o controle do tempo da produção. O conhecimento que agora necessário à produção, circula. Pode ser, digamos assim, preso, privatizado em partes, mas nunca totalmente. A capacidade produtiva, ou seja, o conhecimento difundiu-se pelos territórios. Quando, pequenos e médios produtores conseguem se compor, (ou se recompor) como produtores concorrentes no mercado mundial, entendemos que os pólos capital e trabalho não podem mais ser considerados em relação de completa separação e antagonismo qual a institucionalidade fundante com o industrialismo fordista. Senão o que dizer de uma pequena cidade como Montebelluna, com uma ampla rede de dependentes, e que é concorrente no mercado mundial de calçados? Parece desnecessário dizer que, também em Montebelluna, a qual citamos como modelo, estão presente multinacionais que se utilizam do trabalho assalariado. Inclusive, diante desta que, concordando com Gorz (2003), chamamos de “economia do conhecimento”, fica ainda mais difícil estabelecer marcos de um ambiente de trabalho e de não-trabalho. Ou seja, os postos em relação de assalariamento tendem a um grau de exploração (se é que se pode dizer de grau de exploração?) ainda maior. Mas isso não descaracteriza a relação de interação destas multinacionais com as pequenas e médias empresas. Ou para dizer em outras palavras, os pequenos e médios negócios são nos DI s vetor mesmo de uma nova economia. E é do *trabalho imaterial*⁶ que estamos falando.

Nesta, que aqui chamamos de nova economia e transmissão do conhecimento, o fator relacional não pode ser mensurado. Não é mensurável, importante que se diga, entre o correspondente relacional da parte material e imaterial da produção. Assim, é impossível separar a parte material e imaterial de qualquer produto. Para dar um exemplo simples, rápido e preciso, basta dizer que quem compra um computador compra uma máquina, com tecnologia e conhecimento incorporado. Contudo, não é por isso, e nem só, que se compra um computador. O uso que se faz, e, diga-se de

⁶ - Para o conceito de Trabalho Imaterial ver NEGRI. A. LAZZARATO, M. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001; GORZ A. *L'Immateriale: conoscenza, valore e capitale*, Bollati Boringhieri, Torino, 2003.

passagem, o conhecimento em sentido amplo da produção e circulação do conhecimento são incomensuráveis.⁷ O fluxo de trocas que passa pelo mercado não pode ser medido. Vale lembrar ainda que a criação coletiva proporcionada pela *network*, não tem autoria precisa e determinável, é fruto de construção coletiva.

Neste sentido, trabalho constituinte e produtivo, deixa de ser aquele trabalho completamente alienado em que os detentores dos meios de produção detinham o “absoluto” controle sobre o trabalho e o amplo e completo planejamento do exercício deste trabalho, cedendo assim espaço para um tipo novo de trabalho. O princípio exposto aqui é que de fato passa a existir uma “desmedida do mundo”. Todos os parâmetros de mensuração clássicos entram em crise, abrindo espaço para ambientes e relações incomensuráveis. E, se por um lado, a busca incessante é pela captura e contenção deste amplo e aberto espaço produtivo, por outro, a complexidade difusa, a interação aberta e a cooperação irrestrita obstam a possibilidade da regulação. Desta forma, o trabalho produtivo e constituinte da vida encontra milhões de poros de penetração.

1.4. *As instituições e a crise da regulação do Estado*

Desde estas colocações, podemos apontar sem digressões, ou ainda, cometendo um erro formal de antecipar as conclusões antes de expor todos os argumentos, que estamos vivendo um intenso momento de crise, e neste particular cabe salientar a crise da economia política clássica. Uma crise de base material produtiva em que o trabalho e sua base reguladora, que sustentavam o Estado de tipo keynesiano/fordista entram em crise.

Na questão dos distritos por exemplo, quando afirmamos que eles surgem à revelia do poder do Estado não estamos querendo dizer, evidentemente, que o Estado

⁷ - *Justamente em função desta característica de não mensurabilidade, fica cada vez mais difícil aplicar conceitos como mais-valia, sobre-trabalho, valor de troca, produto social bruto. Quando os especialistas em macroeconomia procuram quantificar com os instrumentos tradicionais os resultados econômicos e os padrões de desenvolvimento, estão na realidade, tateando no escuro.*(p. 36) GORZ, A. (2003) Em entrevista concedida a GLOB[AL] América Latina, n. 01, 2003.

não teve papel fundamental neste processo. A questão é que não foi o Estado que planejou e propiciou o surgimento dos distritos. Se as políticas públicas⁸ para os DI s buscam cada vez mais incentivar a cooperação e a competição no interior dos territórios produtivos, ocorre que este potencial se deu em sentido inverso. Da base de organização produtiva, autônoma e auto-regulada o Estado busca captar o potencial deste novo parque produtivo.

O que existe de novo nesta relação é que por um lado a Economia Política Clássica assentada no contratualismo hobbesiano⁹ não é mais capaz de se antecipar na projeção da sociedade. A base material produtiva, e pensamos aqui no ponto deste trabalho – o desenvolvimento local – bem como o exemplo modular dos distritos italianos, acabam condicionando as possibilidades de representação do Estado. Neste particular cabe apontar que o Estado entra em crise tentando captar novos potenciais produtivos, como forma de criar e recriar formas de representação. Esta prática por si só, inverte o papel clássico do Estado, demonstrando esta que chamamos de crise da economia política. Evidentemente há uma diferença marcante na intensidade e direção desta crise, dada a particularidade de cada sociedade e o histórico papel do Estado. Ao que parece quanto mais federativo, e não apenas das federações instituídas, maior é a cooperação no local. Neste sentido o caso alemão parece sintomático, ao lado de uma intervenção reguladora central e centralizada do papel do Estado, há uma saudável e propulsora independência local (regiões, e cidades).

⁸ - BANDO: Legge Regionale 4 aprile 2003, n. 08 “Disciplina dei Distretti Produttivi e interventi di politica industriale locale”/ Circolare sulle procedure del bando approvato con dgr n. 2502 del 8.08.03, in ottemperanza alla legge n. 8 del 4.04.03: Distretti Produttivi del Veneto.

⁹ - As críticas formuladas comumente ao modelo de Estado *hobbesiano*, vão exatamente no sentido de demonstrar que, por um lado Hobbes busca sufocar os direitos individuais em prol do interesse presumidamente coletivo expressos e salvaguardados pelo Contrato Social; e que, por outro lado, deixa emergir, no ponto, talvez mais filosófico, ou senão de uma filosofia mais contudente em que se assenta sua teoria, um idealismo latente. Idealismo expresso na noção de corpo político e no presumido funcionamento da sociedade á partir de bases fundamentalmente filosóficas. Sendo assim, ao que parece, a noção de “direito divino”, contra a qual Hobbes se voltou, foi substituída pela noção de “auto-preservação”. Ou seja, permita-me o direito de colocar um único dedo nesta questão, Hobbes sai do idealismo católico, para cair no idealismo humanista.

Cabe porém indagar sobre a constituição deste novo *Welfare* que parece de base federalista. No caso italiano, este se forma não apenas de maneira autônoma com relação ao modelo institucional centralizado na base de Estado Nacional, mas também, ao que parece, enfrentando esta base constitutiva. Esta nova realidade do trabalho verificada nos DI s teve que enfrentar a política nacional com suas regras de representação cega; também que furar o cerco das burocracias institucionais com os insensatos procedimentos administrativos e fiscais.

Todas as relações institucionais constituídas sob a base do velho modelo entram em crise uma vez que os agentes produtivos desta nova realidade – ou quem produz – não são mais os operários estandardizados, rígidos e repetitivos que sustentaram o velho sistema. Inegavelmente a perspectiva dos distritos engendra, ou então sugere, a reapropriação administrativa e institucional, por parte dos cidadãos produtores. Evidentemente estamos falando da construção de uma nova realidade institucional/administrativa, ou quiçá simplesmente da criação e difusão do comum. Mas tanto num caso quanto noutro, não se trata de difundir e socializar o velho modelo institucional cristalizado na forma de Estado tal qual o conhecemos.

O grande problema que se verifica então, é que o Estado não pode mais se organizar institucionalmente á partir do trabalho regulado. Mais do que isso, não pode regular as formas de trabalho produtivo existentes na nova economia.

Sendo assim, o Estado se mantém de forma corporativa tentando reproduzir, ou pelo menos preservar a velha estrutura. Por isso existe um impulso crescente dos novos agentes produtivos, bem como de algumas instituições, que suplantam a intervenção do Estado. Muitas, ou melhor dizendo a maioria delas, em sentido transversal dentro do próprio Estado.

1.5. As Distintas Formas de “Explosão”

Desde a verificação e intensificação de vários e diversos modelos organizativos amparados pela perspectiva do desenvolvimento local, verifica-se o crescimento das experiências do tipo no contexto europeu.

Explosão¹⁰ assim é entendida como sendo um emaranhado de condições, em princípio desorganizadas, mas que posteriormente podem ser parcialmente reproduzidas¹¹, que culminam na auto – organização produtiva.

Por mais que os apontamentos sobre a “explosão” sejam citados a partir de sua observação no interior dos Distritos Industriais Italianos, pensamos que o conceito pode ser usado de maneira mais ampla. Neste sentido, explosão aparece como a primeira manifestação auto-organizada da produção, que se cristaliza no interior do local.

Seguindo este entendimento fica mais fácil entender a maneira pela qual as políticas assentadas no desenvolvimento local ganham características distintas nas diversas realidades observadas. O que ao nosso ver reforça a idéia da importância do local tanto nas características produtivas, quanto na definição das políticas e modelos. É neste sentido que, apesar de priorizarmos a política e o modelo dos Distritos Industriais Italianos, podemos admitir uma miríade de outras formas organizativas, como por exemplo *Clusters*, TICs¹² (novas tecnologias de informação); e algo como Organização

¹⁰ O termo foi retirado da introdução do livro: *Empresários e Empregos nos Novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália*, Rio de Janeiro, DP&A, 1999. Organizado por Giuseppe Cocco, Alexander Patez Galvão e Mirela Carvalho Pereira da Silva. Segundo os autores, a *explosão* (big bang) ocorre a partir da coexistência de algumas condições. Ao nosso ver o conceito de explosão rebate a idéia de projeto, comum a organização da economia fordista.

¹¹ - Sobre este ponto ver : SILVA, G. *Chaves de Leitura para o Quadro sobre TRANSFERIBILIDADE* Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003. Além do autor discutir com precisão e minúcia o tema sob a perspectiva dos Distritos Industriais vêneto, em apêndice, verifica-se quatro experiências de implantação do modelo dos distritos italianos, em quatro realidades brasileiras distintas, pelo SEBRAE.

¹² - Sobre “TIC” ver trabalho da colega de grupo, realizado no mesmo período e sobre a mesma base de estudo: ISSBERNER, L, R, *Dimensão Espacial e Difusão das TIC: tópicos iniciais de pesquisa*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003

auto – sustentada. Ainda que, ao que parece o conceito de TICs é mais instrumental e técnico, algo como as várias formas de desenvolvimento local se utilizando das “técnicas de informação e conhecimento” de formas diversas, ou seja, cada qual a sua maneira. Além destas, o modelo de desenvolvimento local identificado em Barcelona por exemplo, particularmente no tocante ao desenvolvimento urbanístico, prioriza a idéia, também denominada: “distritos do conhecimento”. No caso de Munique os chamados *Clusters productivos*.

Quando aqui falamos em “distintas formas de explosão”, estamos nos referindo à questão mais econômica da formação de um novo parque produtivo. Contudo, fica difícil, para não dizer quase impossível, estabelecer uma separação precisa entre o econômico e o social, e destes com o político.

Por isso, no mais das vezes, o foco de estudo e apresentação do conteúdo programático entre as três realidades que desenvolvemos nos nossos trabalhos, ora privilegia um ponto, ora outro. Todos porém sobre estas perspectivas apontadas até aqui: trabalho, e trabalho imaterial em particular, crise da regulação do Estado, novas políticas públicas para o tema da qualificação profissional. Passemos então a algumas rápidas considerações.

Considerações sobre as realidades estudadas

Ao que parece, se está inventando uma nova categoria territorial. Em princípio o que ocorre é de fato uma abertura de possibilidades. Na criação deste novo mundo existe o reconhecimento de que os territórios não são simplesmente construções territoriais no sentido clássico do termo. Dentro da construção das novas fronteiras existe uma dimensão virtual bastante forte.

Suspeitamos, que a infra-estrutura unicamente material da região veneta não é tão favorável a ponto de ter propiciado a explosão dos DI s. Por isso o cognitivo e o imaterial foram centrais tanto para explosão quanto para continuidade dos DI s. Sendo assim, parece imprescindível, mesmo considerando as políticas de internacionalização dos DI s, tema sobre o qual não discutimos aqui, que o desenvolvimento depende da circulação do conhecimento, ou melhor, da ação conjunta que propicia e produz conhecimento. Anastásia(1999) aponta que a nova

economia, e assim o que se pode entender por novo mercado, abre para a monetarização de âmbitos vitais imateriais, como religião, esporte, afeto, educação, lazer etc. Assim a não separação entre consumo e trabalho, que é característica do posfordismo, conforme aponta o autor, vem reforçar as tendências de uma nova prática laborativa.

Para melhor definirmos os distritos industriais italianos, concordamos com Becattini (1999), para quem os distritos podem ser entendidos como sendo um grande complexo produtivo, em que a coordenação e o controle do seu funcionamento independem de regras pré estabelecidas, projetos, e mecanismos hierárquicos. São construídos e submetidos num mesmo momento, ao jogo do mercado e a validação e legitimação por parte da sociedade.

A eficiência produtiva dos distritos em sentido amplo, considerando tanto suas dimensões quantitativas quanto qualitativas, leva à comunhão de esforços e interesses dos atores locais e das instâncias de poder, a voltarem seus olhos para esta nova realidade. Assim, a Terceira Itália¹³ aparece como modelo privilegiado acerca do tema do Desenvolvimento Local, e dos Distritos Industriais.

Não foi o Estado que planejou e propiciou o surgimento dos distritos. As políticas públicas¹⁴ para os DI s buscam cada vez mais incentivar a cooperação e a competição no interior dos territórios produtivos, carecendo portanto cada vez menos da intervenção e do papel regulador do Estado. O que pretendemos demonstrar aqui, é que o Estado chega depois da mobilização e da autonomia decisória dos distritos, operantes no âmbito local.

Em suma, o surgimento dos Distritos Industriais italiano ocorre á partir da organização produtiva autônoma de uma região que sai da Segunda Guerra diríamos que de maneira arrasada. A partir da comunhão de esforços produtivos numa simbiose de

¹³- Expressão utilizada inicialmente por Bagnasco nos idos dos anos setenta, fazendo a distinção da região onde emergiam os distritos, com relação ao norte italiano desenvolvido e industrializado, tido como Primeira Itália, e o sul atrasado – Segunda Itália. Portanto, a Terceira Itália, ou melhor dizendo, os DI s da Terceira Itália, surgem a revelia do modelo pouco industrializado, e pode se dizer eminentemente agrário do sul, mas também daquele modelo de industrialização fordista do norte.

¹⁴- BANDO: Legge Regionale 4 aprile 2003, n. 08 “ Disciplina dei Distretti Produttivi e interventi di politica industriale locale”/ Circolare sulle procedure del bando approvato con dgr n. 2502 del 8.08.03, in ottemperanza alla legge n. 8 del 4.04.03: Distretti Produttivi del Veneto.

cooperação e competição vemos emergir cristalizações de pequenos negócios que recuperam a agem a partir de saberes seculares desenvolvidos na região e que haviam sido relegados pela grande indústria. Surge recompondo trabalho e capital numa perspectiva de interdependência, e recompondo ainda a relação não sobreposta entre campo e cidade.

Em Munique, os oito principais *Clusters*¹⁵, entendidos como uma espécie de células cristalizadas do conhecimento e produção, estão em constante mutação dada a fluidez arejada, propiciada pelo fator relacional. Estes *Clusters* estão assim distribuídos: 1)- Mecânica, Engenharia e Manufatura; 2)- Eletrônico e Tecnológico; 3)- Mídia; 4)- Biotecnológico; 5)- Médico (medicina); 6)- Patentes; 7)- Universidades; 8)- Livraria e Museus.

O predomínio, entendido aqui como células, ou concentração de *Clusters*, é do setor de mídia. Em seguida vem o de eletrônica e tecnológica e, posteriormente, o de manufatura. O de patentes apresenta células significativas, bem como o setor de medicina. Os setores de biotecnologia e universitário apresentam *Clusters* bastante concentrados, seguindo assim também aqueles de livrarias e museus. (*Munich City of Knowledge, Department of Labour and Economic Development, 2002*)

As pesquisas aplicadas ao desenvolvimento nas firmas da cidade de Munique estão bastante diluídas entre as empresas. Existe aproximadamente cinquenta grandes empresas de projeção internacional presentes na cidade, dentre as quais destacamos as conhecidas *BMW, Siemens, IBM e Rhodia*. Vale anotar que todas as pesquisas ou trabalhos de pesquisas sobre desenvolvimento local estão diretamente ligadas às empresas. Percebe-se assim, uma tendência dominante de pesquisas ligadas ao desenvolvimento tecnológico, eletrônico e de *Softwares*, seguida do setor de serviços e financeiro. Ademais da indústria mecânica e automobilística, que se equiparam àquele de consultoria, marketing e pesquisa propriamente dita, segue aquelas de biotecnologia, farmácia e aviação. Estes são os setores mais destacados da economia, e que portanto existe maior investimento em pesquisa.

¹⁵ - Clusters são aqui entendidos como cristalizações produtivas dentro do território. Não faz, portanto, diferenciação quanto à qualidade, quantidade ou parte material e imaterial da produção.

Das pesquisas em andamento na cidade existe grande ênfase no setor de manufaturas, mas principalmente na área de computação e desenvolvimento tecnológico. Forte presença no setor de telecomunicações, mas menor se comparado com os anteriores. Pesquisas ligadas à informação e conhecimento cresceram nos últimos anos, chegando a se equiparar com o setor de telecomunicações, por exemplo. (*City of Munich and Bavarian, 2002*, p. 07)

Segundo os principais estudos sobre desenvolvimento local da cidade de Munique, e aqui enfatizamos principalmente documentos oficiais da Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Econômico, a atenção está voltada para a transmissão (transferência) de conhecimento e interação entre os atores locais. Fala-se também da relação entre cooperação e competição, que acaba dando a tônica do desenvolvimento da região. (*City of Munich and Bavarian, 2002*). Vale anotar que esta relação se dá, e assim é explorada, no âmbito local, que aqui deve ser entendido mais como a cidade de Munique do que a região da Baviera.

Para se ter uma idéia, as livrarias, museus e teatros são considerados locais “privilegiados” de transmissão do conhecimento. Também por isso existe um forte investimento nestes setores no que concerne à infra-estrutura. Neste particular, vale anotar que Munique é das únicas cidades da Alemanha em que o número e a qualidade dos museus tem crescido. Enquanto outras cidades fecham museus, principalmente por falta de público, Munique tem investido grandes somas nos últimos anos para a criação de museus. São sessenta e oito só na cidade de Munique, sendo que dentre estes estão alguns considerados como os principais da Europa, como é o caso do *Deutschland Museum*¹⁶.

Conforme apontam os estudos realizados pela Secretaria de Trabalho e Desenvolvimento Local da cidade de Munique, a qualificação profissional, entendida

¹⁶ . O *Deutschland Museum* é considerado dos mais significativos e bem equipados museus da Europa. A interação dos visitantes com o meio, com a realidade retratada no museu em nada se compara a velha ocupação destes espaços que buscavam reproduzir ambientes opacos e mortos. (velhos museus sempre deram a impressão de um mundo que existiu mas que não tem mais comunicação com o nosso, por outro lado buscavam incrustar no visitante a (violenta) idéia de que antigos povos e povoações sempre foram melhores, passando a idéia de um passado remoto melhor que o presente) Todo o progresso da ciência está ambientado, explicado, e ainda, propõe experiências interativas no *Deutschland Museum*.

aqui em sentido bastante amplo, se forma neste ambiente. Ou seja, o resultado do trabalho qualificado tem nesta relação com o local, dentro dos aspectos apontados, seu principal ambiente de formação e difusão. A transmissão do conhecimento se dá de forma bastante particular por meio da troca e do fluxo de informações entre os agentes.

Como por exemplo o projeto de “Formação Profissional para Mulheres com Grau Universitário”. Este projeto, mantido dentro da rede de incubadoras de projetos e centro de motivação, busca atender às necessidades de mulheres com grau universitário e que acabaram de criar seus filhos.¹⁷ Um dos objetivos centrais do projeto é aumentar o número de mulheres da região da Baviera na participação das empresas (criação de empresas na verdade). No ano de 2003, por exemplo, houve a participação de uma média de mil mulheres, sendo que o projeto é financiado e mantido com recursos do Ministério de Ciências e Pesquisa e também pela Comunidade Européia.

Não é por acaso que o projeto que se desenvolve desde 1998, já conseguiu fundar uma média de quarenta empresas, algumas de empreendimento bastante pessoal, como é o caso geralmente de artistas, outras com a participação de várias pessoas que inclusive empregam trabalhadores, como em setores: médico, doméstico, educação de crianças etc.

Este exemplo concreto de iniciativa desenvolvida em âmbito regional e por nós apontada como uma maneira de aproveitar o potencial criativo de mulheres que não podem (ou até simplesmente não querem) se dedicar em tempo exclusivo (as

¹⁷ - Este “acabaram de criar seus filhos” deve ser entendido dentro do contexto alemão e de suas necessidades. Segundo informações fornecidas diretamente pela responsável pelo projeto, o diferencial de grau universitário, serve como parâmetro de cursos de alta qualificação. Arte, escultura, música etc. Não é um regulador absoluto, ou seja, muitas das mulheres que participam não tem o “diploma”: grau universitário. Porém, têm condições e capacidade intelectual capaz não só de acompanhar, mas de trazer idéias e inovações para o contexto do desenvolvimento dos trabalhos. Então não é o diploma formalmente assinado que conta, mas a capacidade que se pressupõe existir com o nível universitário. Quanto a acabar de criar os filhos, significa ter filhos entre idades de quatro e cinco anos por exemplo. Isso ocorre uma vez que antes deste período as mães se dedicam em tempo integral à criação dos filhos. Já, a partir da idade de quatro e cinco anos as crianças começam a freqüentar a escola em meio período (geralmente pela manhã) sendo que as mães permitem se ocupar de outras atividades que melhor lhes convenham. Contudo, estas ocupações partem da iniciativa das próprias mães dentro das atividades em que elas foram formadas, ou que simplesmente lhes agrade. Sendo que não é comum creches para período integral como acontece no Brasil, e que são comumente as mães que se ocupam de seus filhos no período da tarde, elas procuram direcionar o potencial produtivo para três ou quatro horas de trabalho dentro do que lhes garante renda e prazer ao mesmo tempo.

acachapantes oito horas de trabalho, como se quem não trabalhasse oito horas não fosse, ou não pudesse ser criativo e produtivo!). Também, é importante que se diga, segundo informações que recebemos pela responsável pelo projeto, uma média de 20% das mulheres que participam destes cursos simplesmente haviam sido “expulsas” do mercado formal de trabalho, isso considerando que a taxa de desemprego em Munique bateu o índice de 7.8% no final de 2003. A Gründer Regio M e V¹⁸, é uma agência no âmbito da qual, este, e outros programas de qualificação profissional e de políticas para emprego e renda, atuam e se desenvolvem.

Nos anos 80 em Barcelona a taxa de destruição do emprego industrial ganha contornos inigualáveis. É neste contexto de crise que surge a proposta de criação de uma instituição pública local que garanta novas formas criativas de investimento e captação de potencial produtivo. Passa a ser então desenvolvida a idéia de criação de uma agência captadora voltada para o desenvolvimento e reforma urbanística local, impulsionada pela idéia: “Barcelona, Cidade do Conhecimento”. O núcleo central da idéia é de que a reforma urbanística (local) impulsiona o desenvolvimento econômico. O modelo “cidade do Conhecimento”, nova forma de “fazer cidade” é tido como projeto pioneiro típico do século XXI.

Neste sentido, a proposta é de aplicação das áreas e infra-estrutura logística¹⁹, juntamente com a infra-estrutura mais material. O primeiro entendimento foi que, historicamente os centros urbanos são sempre destinados àquelas atividades de maior qualificação profissional e interação, e que ao mesmo tempo demandavam menor dependência de espaço físico²⁰.

¹⁸ - *Gründer Regio: Project Manager Pane Munich – Entrepreneurship Support in Germany and the Munich Region*. Conforme apresentou Marc Jochenich, responsável pela agência que atual na região da Bavária, esta tem um perfil bastante motivacional.

¹⁹ - Sobre esta discussão da logística, e particularmente a logística voltada para o desenvolvimento local, ver: SILVA, G. *Logística e Território: implicações para as políticas públicas de desenvolvimento*. In: *A Mobilização Produtiva dos Territórios*, Monié, F. e Silva, G. (org.), Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

²⁰ - Esta idéia foi apontada mais de uma vez por estudiosos e diretores de projetos de desenvolvimento urbano da cidade de Barcelona. Desde sempre, ainda mesmo quando as cidades não tinham a conotação pela qual hoje as conhecemos, o centro das idéias propulsoras sempre estavam concentrados no núcleo das cidades. O poder decisório, sistema financeiro, desenvolvimento de idéias, política etc. Em suma, atividades voltadas para o campo do conhecimento, mais que para a produção material. Evidentemente, ao contrário, e o fordismo

O Plano Estratégico de Barcelona,²¹ por exemplo, é um projeto metropolitano que envolve 36 municípios e aproximadamente 3 milhões de pessoas. Lembrando que a cidade de Barcelona atualmente é comparada às áreas metropolitanas mais desenvolvidas da Europa. Em verdade, e isso é bom lembrar, as famosas Olimpíadas de 1992 realizadas na cidade se constituíram como dos principais impulsionadores para o desenvolvimento urbano. Sabe-se que os investimentos em infra-estrutura, e consequentemente a criação de emprego, para a realização das Olimpíadas movimentou a cidade. A questão era então o que fazer com todo este potencial depois de alguns dias ter se tornado centro de atenção mundial. O desenrolar desta preocupação acaba coincidindo com a criação do Mercado Comum Europeu.

É neste meandro que se desenvolve o Plano Estratégico Metropolitano de Barcelona que tem vários eixos de atuação. Ainda que seus objetivos centrais sejam: emprego, desenvolvimento e qualidade de vida. Destacamos como um destes eixos prioritários à formação profissional, lembrando que os representantes sindicais assinam um pacto de desenvolvimento se comprometendo com as diretrizes do programa. Surge e se desenvolve também neste contexto o projeto encabeçado pelo poder público municipal, denominado “22@”. Atualmente o maior trunfo deste projeto foi ter transformado duzentos hectares de solo industrial – *Poblenou*²²- o maior e mais famoso bairro operário de Barcelona, em um distrito produtivo. A reforma urbanística empreendida nesta área é atualmente dos principais pólos tecnológicos e flexíveis da Europa. Permitiu assim uma completa reforma urbanística da cidade de Barcelona, sendo a área mais dinâmica da cidade, com 3. 220.000 m² de espaço produtivo, aumentando em quase cento e cinquenta mil postos de trabalho, localizados apenas em

aparece como grande exemplo recente, os bairros operários e a concentração produtiva das fábricas sempre estavam separadas e guetificadas.

²¹ - Várias vezes, em reuniões que estivemos com um dos diretores do projeto, foi reiterado que o plano não é um elemento normativo e nem mesmo de cumprimento obrigatório. Prefere chamar de “carta de navegação”, uma espécie de manifestação de tendências e vontades.

²² É muito interessante notar que o *Poblenou* é o histórico bairro operário de Barcelona. E como se sabe Barcelona, junto com Madri, onde está centralizado o poder político da unidade espanhola, foi das maiores cidades industriais da Espanha. Neste sentido sempre foi concentração de migrantes e imigrantes, a maioria vinda do sul do país e particularmente da Andaluzia.

suas delimitações, além de inúmeros outros negócios. O projeto é tocado pelo distrito do conhecimento denominado: “Distrito de Atividades 22@”.

Vale notar que as características deste projeto que transformou Barcelona nos últimos quinze ou vinte anos, nada tem dos antigos projetos que conhecemos. Ou seja, o plano estratégico do 22@ não diz como fazer e nem mesmo no que investir. Ele apenas capta com precisão todo potencial produtivo local e dispõe destas informações de forma institucional, delimitando deveres e obrigações²³. Toda iniciativa parte de decisões privadas quer sejam pessoais ou de grupos. O Distrito 22, como captador das tendências e características para novos investimentos e demandas dispõe de informações atuais que auxiliam o investimento. Tudo com base, como se vê, no conhecimento.

. É neste sentido que dos nossos estudos na cidade de Barcelona, e particularmente das discussões acerca do “Plano Estratégico” para a cidade de Barcelona, muito se enfatizou a idéia de “Cidade Compacta²⁴”.

1.6. Conclusões

A preocupação deste trabalho, conforme dito inicialmente, foi a de apresentar alguns pontos centrais acerca do tema “desenvolvimento local”, com particular atenção para os distritos industriais italianos.

Focamos a questão do trabalho e da qualificação profissional, para a partir destes pontos, apresentar rapidamente a constituição de uma nova realidade produtiva, compreendida dentro do que se entende por “desenvolvimento local”.

²³ Pode se pensar, por exemplo, numa espécie de projeto captador de projetos. Assim sendo fornece uma base de dados, informações e assessoria que atua tanto no sentido de fornecer informações para permitir a criação e o desenvolvimento de idéias, quanto para assessorar (amparar) idéias já constituídas. Vale notar que cada projeto de investimento passa por avaliação segundo critérios previamente estabelecidos.

²⁴ - A idéia de “cidade compacta” é muito interessante e se diferencia completamente dos antigos projetos de desenvolvimento que enfatizavam o crescimento físico das cidades. A idéia de cidade compacta privilegia o fator imaterial e relacional do conhecimento e do fluxo de criação e difusão deste conhecimento. Neste sentido surge a idéia, segundo a qual, o ambiente das cidades podem crescer e se desenvolver, sem a necessidade de crescimento físico. Mesmo por que existe hoje a verificação da impossibilidade do crescimento físico de muitos centros urbanos, como é o caso de Barcelona.

Como, tanto por simpatia, quanto interesse de pesquisa, o recorte do desenvolvimento local privilegia os distritos italianos, pensamos em destacar pontualmente alguns estudos realizados na cidade de Munique e Barcelona, uma vez que a perspectiva dos distritos italianos ainda que tratadas perpassam todo o texto.

Ressalta-se ainda mais uma vez que o trabalho não tem a distinção que se dá a um “estudo de caso”. Sendo assim, por um lado ficamos mais sujeitos aos erros e equívocos, que dosados, são normais em trabalhos do tipo; por outro nos isentamos das obrigações analíticas com criteriosos recortes empíricos.

1.7. Bibliografia

ANASTASIA, B. “Attorno a una incognita: l’occupazione futura”, in Rullani E., ROMANO L. (a cura di) 1998.

BAGNASCO, A. *La Construzione sociale del Mercato*. Studi sulli sviluppo di Piccola Impresa in Italia. Bolonha, Il Mulino, 1988.

BECATTINI, Giacomo. COSTA, Maria Teresa. TRULLÉN, Joan. (coord.) *Desarrollo Local: teorías y estrategias*, civitás: Disputaciò, Madrid, 2002.

COCCO, G. *Trabalho e Cidadania: produção e direitos na era da globalização*, São Paulo, Cortez, 2000.

COCCO, G. URANI, A. GALVÃO, A. P. *Empresários e Empregos nos novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália*, Rio de Janeiro, DP&A Ed. 1999.

CORO, G. *Distritos e Sistemas de Pequena Empresa na Transição*, In *Empresarios e Empregos nos Novos Territórios Produtivos: o caso da Terceira Itália*, Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie*, Editions de Minuit, Paris, 1980.

FONT, Antonio (coord.) *Planeamiento Urbanístico: De la Controversia a la renovación*, disputaciò, Barcelona, Barcelona, 2003.

GLOTZ. P. *Die Beschleunigte Gesellschaft. Kultukämpfe im digitalen Kapitalismus*, Kindler, München, 1999.

GORZ, A. *L Immateriale: conoscenza, valore e capitale*, Bollati Boringhieri, Torino, 2003.

GURISATTI, P. *O Nordeste Italiano: nascimento de um novo modelo de organização industrial*, In *Empresarios e Empregos nos novos Territórios produtivos: o caso da Terceira Itália*, Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

HARVEY, D., *Condição Pós Moderna*, São Paulo, Loyola, 1993.

MARAZZI. C. *A Crise do New Economy e o Trabalho das Multidões*, DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

NEGRI, A. LAZZARATO, M. *Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

PIORE, M. SABEL, C. *The Second industrial divid: possibilities for prosperit*. New York: Basic Books, 1984.

RULLANI, E. *Il Postfordismo: Idee per il capitalismo prossimo venturo*. Milano, Etas, 1998.

SCHWARTZ, G. *As Profissões do Futuro*, São Paulo, Publifolha, 2000.

SILVA, G. *Logística e Território: implicações para as políticas públicas de desenvolvimento*. In: A Mobilização Produtiva dos Territórios, Momié, F. E Silva, G. (org.), Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

SULIRATS, Joan. *Redes, Territorios y Gobierno: nuevas respuestas locales a los retos de la globalización*, Disputaciò, Barcelona, 2002.

Revistas Científicas e Periódicos

ANDRADE, M. F. *A Questão Regional: a visão dos atores sociais na discussão da inter-relação entre tecnologia, emprego e educação*, in *Emprego e Desenvolvimento Tecnológico: artigos dos Pesquisadores*, São Paulo, DIEESE/CESIT, 1999, p. 417 – 438.

DIEESE – *A Situação do Trabalho no Brasil*, DIEESE, São Paulo, 2001.

RAPPORTO ANNUALE SUL MERCATO DEL LAVORO 2002, *Osservatorio Economico della Provincia di Treviso, Stampa Tipolito Moderna – Due Carrare (PD)*, Treviso, 2003.

Jornais e Publicações Esparsas

Munich, City of Knowledge, City of Munich, document Department of Labour and Economic Development, München, 2003.

Panel News: Supportd by the Commission of the European Communities, Directorate-General Enterprise, Programme “ Innovation/SME”, published irregularly, n. 04, February, 2003.

Panel News: Supportd by the Commission of the European Communities, Directorate-General Enterprise, Programme “ Innovation/SME”, published irregularly, n. 05, october, 2003.

Investigaciones Regionales: *asociación española de ciência regional*, n. 01, (?), Barcelona, Outono 2002

Investigaciones Regionales: *asociación española de ciência regional*, n. 02, (?), Barcelona, Primavera 2003.

Documentos Retirados da Internet

CARNEIRO, M. *A Internacionalização dos Distritos industriais? uma abordagem institucional preliminar*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003

ISSBERNER, L, R, *Dimensão Espacial e Difusão das TIC: tópicos iniciais de pesquisa*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003

QUINTAR, A . *La Governance en el Desarrollo Regional y Local: algunos ejes del debate en Europa*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/> , UAB, Barcelona, 2003

PADILLA, I. *Fórum das Culturas 2004 transforma Barcelona*, Folha de São Paulo, São Paulo, 07 de març. 2004, folhaonline ilustrada. <http://www1.folha.uol.br/folha/ilustrada/ult90u42150.shtml>

PRIGOGINE, I. *Carta as Futuras Gerações*, Folha de São Paulo, São Paulo, 30.jan. 2000, Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3001200004.htm> Acesso em 10 set. 2003

SAPIA DE CAMPOS, Ricardo, *A Terceira Itália e a Nova Qualidade do Trabalho: perspectivas para uma análise comparada*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/>, UAB, Barcelona, 2003

SAPIA DE CAMPOS, Ricardo. *Globalização e Conhecimento: aspectos para o tema da qualificação profissional no âmbito dos territórios*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/>, UAB, Barcelona, 2004.

SAPIA DE CAMPOS, Ricardo, *Mondragon Unibertsitatea: entre Universidade e Formação Profissional*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/>, UAB, Barcelona, 2003

SAPIA DE CAMPOS, Ricardo, *Barcelona: “ Cidade Compacta” – um projeto urbanístico para emprego, renda e qualificação profissional*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/>, UAB, Barcelona, 2004.

SILVA. G. *Chaves de Leitura para o Quadro sobre TRANSFERIBILIDADE*, Plataforma ALFA, <http://oaid.uab.es/alfa/>, UAB, Barcelona, 2004.